



## JORNALISMO PÚBLICO E EDUCATIVO DA FM UNIVERSITÁRIA 96,7 EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

Urziana Damasceno Viana De Moraes<sup>1</sup>  
Nilsângela Cardoso Lima<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa o conteúdo informativo da FM Universitária da Universidade Federal do Piauí (UFPI) em tempos de pandemia da COVID-19. Com a crise sanitária que se instalou no mundo com a propagação do Coronavírus, a mídia voltou sua programação para a cobertura deste acontecimento. Não obstante, a FM da UFPI também dedicou boa parte da programação para este assunto. Assim, a partir da metodologia do Estudo de Caso baseada em Yin (2001) e à luz da legislação sobre radiodifusão pública e educativa, analisa-se o conteúdo informativo da FM Universitária da UFPI dedicado à cobertura da pandemia, no período de período de 22 a 26 de junho de 2020. Considerando que as emissoras universitárias produzem/veiculam uma programação diversa, verifica-se que o jornalismo FM da UFPI, de outorga educativa, continua promovendo o acesso democrático e crítico a informações devido ao seu caráter educativo-cultural em tempos de pandemia.

**Palavras-chave:** Radiojornalismo; Estudo de Caso; Rádio Pública; FM Universitária; Pandemia.

### 1. Introdução

A pandemia da Covid-19, que assola o mundo desde o final de 2019, trouxe mudanças que vão muito além de hábitos de higiene para prevenção da doença, pois implica alterações na rotina, nos modos de vida da população pelo mundo. Com as medidas de distanciamento e isolamento social e a impossibilidade de acesso físico a determinados espaços, as atividades sociais, comerciais, culturais etc. foram definidas como essenciais e não essenciais. Nesse contexto, a mídia, considerada um serviço essencial, assume um papel fundamental para a produção e obtenção de informações sobre a disseminação do vírus e as medidas que

---

<sup>1</sup> Mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: urziana@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: nilsangelacardoso@ufpi.edu.br.

possibilitem barrar o avanço da doença. Portais de notícias, televisão e o rádio, comerciais e públicos, têm dedicado muitas horas de suas programações para construção de material cuja pauta é a pandemia do Coronavírus.

O rádio, em específico, as emissoras públicas de outorga educativa (que essencialmente se dedicam à produção de programas educativos, instrutivos, reflexivos), em tempos de pandemia, reestruturam suas programações, de maneira que mantiveram ainda mais seu compromisso legal, em sintonia com os normativos previstos, principalmente, nas Portarias Interministeriais 651/1999 do Ministério da Educação e 3238/2018 do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Sobre o papel das emissoras educativas no atual cenário de crise sanitária ocasionada pela Covid-19, é que se pretende apresentar um de Estudo de Caso sobre a FM Universitária 96,7 vinculada à Universidade Federal do Piauí (UFPI) e a produção e veiculação de conteúdo informativo sobre o assunto pela emissora.

A partir da metodologia do Estudo de Caso, baseada em Yin (2001), e à luz da legislação sobre radiodifusão pública e educativa, analisa-se os boletins e os *spots* sobre o novo Coronavírus no período de período de 22 a 26 de junho de 2020. O *corpus* selecionado para estudo ajuda a compreender as mudanças que aconteceram na programação da rádio da UFPI nesse período pandêmico. No tocante ao conteúdo informativo, verifica-se que o jornalismo da emissora de outorga educativa continua promovendo o acesso democrático e crítico a informações devido ao seu caráter educativo-cultural.

## **2. Jornalismo da FM Universitária da UFPI em sintonia com a legislação da rádio de outorga educativa na cobertura da Covid-19**

Como definir uma rádio universitária e, conseqüentemente, compreender seu papel, na radiodifusão do país? É sabido que rádios Educativas são um sistema em que as Universitárias se enquadram. No entanto, sem uma atenção legal voltada para definir o segmento universitário, o conceito de rádio universitária se dá mais por analogia, associação, que por alguma definição em lei. Deus (2003, p. 308-309) trata dessa lacuna legal assegurando que “a legislação brasileira sobre radiodifusão não faz referência funcional ou conceitual sobre as rádios universitárias, sejam públicas ou privadas. Pela legislação atual, as universidades possuem competência para a execução dos serviços de radiodifusão, e as rádios das universidades [públicas ou privadas]

são enquadradas como educativas”. Mesmo enquadradas legalmente como educativas, outra denominação é referência às emissoras ligadas (direta ou indiretamente) a entes federativos. Zuculoto (2010) explica que nos anos 1990 ocorre um *boom* de FMs universitárias e educativas no país e é neste momento que elas buscam se enquadrar como públicas, principalmente pelo que se propõem a oferecer aos ouvintes. Para Zuculoto (2010, p. 157): “[...] elas querem o ser, se não na sua natureza jurídica, pelo menos na forma de gestão e, principalmente, na programação”. Também deve-se considerar que paralelamente a expansão das FMs universitárias e educativas tem-se a criação da Rede Universitária de Rádio<sup>3</sup>.

Em se tratando de rádios universitárias ligadas à Instituições de Ensino Superior (IES) de caráter público, entende-se que aquelas não estão sujeitas a servir de mero veículo de assessoria institucional; devem ter programação voltada para incentivar e difundir produções científicas, culturais e educativas, entre outros pontos. Em estudos recentes, Medeiros e Teixeira (2018, p. 1) garantem que são 28 (vinte e oito) o número de rádios universitárias vinculadas a instituições federais de ensino e que, além de suas identificações enquanto educativas, acumulam “configurações particularizantes fundamentadas nos aspectos próprios das universidades onde estão inseridas”. Os números apontados por Medeiros e Teixeira (2018) demonstram que é um segmento ativo. Essas emissoras estão produzindo conteúdos diversos, como a FM Universitária 96,7 ligada à Universidade Federal do Piauí.

A FM Universitária 96,7 foi implantada oficialmente em 2011, durante a programação do “Encontro de Reitores do Nordeste”, realizado na Universidade Federal do Piauí naquele ano. Em entrevista à *Rede Meio Norte*, emissora de televisão local, o professor Paulo Henrique Gonçalves de Vilhena<sup>4</sup> afirma que uma das propostas da emissora é a de servir de “[...] ponte entre a universidade e o público, tirando essa produção acadêmica dos muros, do *campus* da universidade e servindo como uma ferramenta de mídia, de utilidade pública e de *feedback* [...]”. Ainda sobre as finalidades da emissora no Plano de Desenvolvimento da Universidade Federal do Piauí (2015-2019, p. 108), a rádio FM Universitária 96,7 é apresentada com os seguintes objetivos: “oferecer ao público uma programação plural, ética e comprometida com práticas educativas, artísticas, culturais e informativas e como visão: ser referência em comunicação e jornalismo públicos no Estado do Piauí”.

---

<sup>3</sup> A Rede Universitária de Rádio foi criada na cobertura das Reuniões Anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em 1994.

<sup>4</sup> Diretor da FM Universitária à época da inauguração.

Desde sua origem aos dias atuais, a FM 96,7 funciona com a colaboração dos estudantes do Curso de Jornalismo da UFPI, sendo sua programação produzida por esses. De tal modo, funciona como laboratório, propício a revelar futuros talentos e oportunizando uma efetiva prática do jornalismo. Embora, o atual diretor da emissora, professor Paulo Fenando de Carvalho Lopes avalie que o termo laboratório remeta a situações de erros, tentativas, que na prática jornalística da emissora não seriam permitidos: “Tenho um asterisco de ver a rádio como laboratório, porque eu penso a rádio como um espaço de experimentação, [...] com uma diferença, que aqui não pode ter erros tão grandes. Eles são estagiários, já com uma certa bagagem e se adequam às rotinas produtivas” (LOPES, 2019). O fato é que pela falta de pessoal contratado para trabalhar na rádio da UFPI, que conta apenas com um locutor e mais dois técnicos, grande parte das atividades relativas à produção de programas são feitas por alunos/bolsistas.

Com a pandemia da Covid-19, a rotina produtiva da rádio sofreu alteração, devido ao decreto governamental que suspendeu as aulas na UFPI. Desde março de 2020, foram vedadas atividades na rádio de forma presencial. Contudo, a FM da UFPI, não saiu do ar, pois os alunos continuaram a produzir programas, agora de forma remota. Também não perdeu a sintonia do público ouvinte, pois continua a oferecer programação noticiosa atualizada. A cobertura do novo Coronavírus na emissora é exemplo disso, iniciada no mês de março de 2020, traz uma programação especial com informações a respeito da pandemia.

Como apontado acima, a pandemia trouxe alterações na rotina de produção de vários meios de comunicação, obrigando as equipes a produzir de casa e a depender cada vez mais de ligações telefônicas e aplicativos de mensagens via *internet*. Esses últimos, sem dúvida, essenciais para rotina jornalística, seja na produção ou circulação de notícias. Embora as rádios há muito tempo já usem o telefone para coleta de informações, o uso das mídias digitais em tempos de isolamento social demonstra ser a alternativa mais plausível, devido ao isolamento que impossibilita coleta de dados *in loco*. Como o rádio se faz de som, coletar informações pelo telefone ou por mídias digitais, pode não trazer tantos prejuízos.

Além de otimizar a rotina de produção nos meios de comunicação, novas tecnologias acarretam várias possibilidades ao jornalismo, pois cria-se também um perfil de profissional que deve dominar e adaptar recursos, linguagens diversas (meios tradicionais e digitais), tendo em vista que os conteúdos produzidos em um meio são levados para outros. Isso, de acordo

com Jenkins (2009), é resultante do processo de convergência, que altera tanto o modo como as pessoas se relacionam com a mídia quanto como ela opera. Para Jenkins (2009, p. 337), “estamos num importante momento de transição, no qual as antigas regras estão abertas a mudanças e as empresas talvez sejam obrigadas a renegociar sua relação com os consumidores”.

Os meios tradicionais (impresso, rádio, televisão) são exemplos ricos dessa “obrigação” de renegociar suas relações, tendo em vista que muitas de suas produções, há muito, tendem a circular por outras mídias, não se restringindo ao meio de origem. Sobriño (2012), em mídias sonoras, destaca que um novo cenário digital está obrigando as mídias tradicionais, como o rádio, a uma redefinição de seus modos de produção de conteúdo. O autor ainda esclarece que “esta nova situação propicia a coabitação de estruturas e modelos de comunicação radiofônica tradicional com estruturas e formas inovadoras de distribuição de sonoros (SOBRIÑO, 2012, p. 2, tradução nossa)”.

A Rádio Universitária da UFPI vem se adaptando a essas novas possibilidades, inserindo seus conteúdos em outras mídias de modo a buscar impulsionar seus programas. E esse diálogo tão premente com as mídias digitais, seja para elaboração de programas, seja para sugestão de pautas, também se consolida na divulgação dos conteúdos disponíveis nas emissoras pelas redes sociais. Portanto, no campo da convergência de mídias, a rádio da UFPI promove sua grade ou estende a divulgação de informações a respeito do Coronavírus em sua página no *Instagram* (Figura 1):

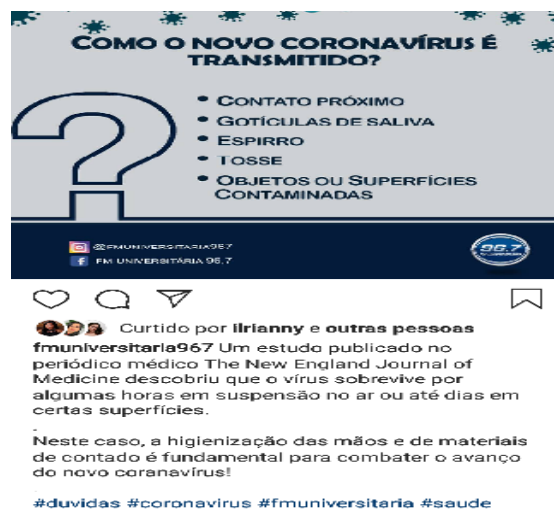


Figura 1: Divulgação da programação sobre Covid-19 produzido pela FM Universitária 97,6 da UFPI.  
Fonte: Página do *Instagram* da FM Universitária 97,6.



Em termos de programação, reitera-se que a FM da UFPI alterou de modo significativo a sua grade. Maior parte das informações sobre o novo Coronavírus na emissora são veiculadas por meio de jornalismo ou publicidade informativa, sendo ainda uma parte das informações sobre a doença e suas implicações em setores diversos, difundidas ao se transmitir webconferências produzidas pela IES.

## 2.1 Inserção de *Spots* sobre a Covid-19 na FM Universitária da UFPI

A programação da FM Universitária 96,7 é composta de conteúdo jornalístico e outras produções de cunho cultural e educativo diversos, bem como de anúncios não comerciais, devido a vedação legal imposta às emissoras de outorga educativa. Mas, nem por isso as rádios universitárias deixam de veicular algum tipo de propaganda. No caso da FM da UFPI, há sim veiculação de publicidade, porém informativa. Diz-se publicidade, pois não são conteúdos jornalísticos, ainda que visem passar alguma informação aos ouvintes, e se faz por meio de peça radiofônica denominada *spot*. “[...] O surgimento desta peça no rádio como produto publicitário deu-se em 1930, nos Estados Unidos, pela iniciativa de radialistas como Ida Bailey Allen, Aunt Sammy e Betty Crocker que, a fim de conquistarem patrocinadores para seus programas, criaram peças comerciais curtas e baratas” (BARBOSA FILHO 2015, p. 122).

Apesar de, primeiramente, se ligarem à produção de peça publicitária, os *spots* têm características que dizem respeito ao uso de recursos sonoros, que possibilitam seu uso não apenas para divulgação comercial, intuito de vendas, mas para a construção de mensagens diversas. De acordo com Barbosa Filho (2015, p. 122), “a característica principal do espoté é a fala de locutores e atores apoiada por trilha musical, vinhetas, efeitos sonoros e ruídos que, devidamente superpostos, criam o cenário necessário para o entendimento da mensagem transmitida”. Sobre o assunto, Silva (1999) explica que, no Brasil, desde que se regulamentou a publicidade no rádio, este começou a criar gêneros e formatos, dentre eles se destaca o *spot*, que se fez presente na radiodifusão por pelo menos por dois motivos: “o primeiro reside no fato de que nele pode-se encontrar reunidos todos os elementos que compõem e constroem a linguagem radiofônica. [...] O segundo é que o desenvolvimento do *spot* como peça radiofônica muito contribui para que o rádio descobrisse a sua própria sintaxe” (SILVA, 1999, p. 45).



É que o rádio não se faz apenas do som, mas também de silêncio. Além disso, o texto produzido para o rádio é escrito, se não todo, pelo menos roteirizado, ou seja, uma “falsa oralidade”. Ou, como coloca Gallo (*apud* SANTOS NETO, 2015, p. 63), uma escrita-oralidade. Pois não se trata de uma fala sem uma preparação, coleta de informações, checagem etc. Entre outros pontos, o termo escrita-oralidade pode ser facilmente compreendido quando no rádio “um apresentador lê um texto interpretando-o como se fosse uma fala ao vivo, espontânea”, como afirma Santos Neto (2015). Portanto, o rádio se utiliza de recursos diversos seja na elaboração da peça ao discurso que utiliza.

E entre esses recursos radiofônicos, vê-se em peças como *spots* bons exemplos de recursos que o rádio pode utilizar (recorrendo através desses de: entonação, *back ground*, sons diversos). Essas peças radiofônicas curtas, cuja finalidade é dar publicidade, difundir, tornar conhecido algo, são utilizadas nas emissoras públicas, educativas para veicular alguma informação, que mereça um destaque não jornalísticos, mas de publicidade. Tal publicidade em rádio educativas, é bem diferente das rádios comerciais porque para essas últimas lhe interessam a venda, o lucro. Nas públicas, educativas, universitárias, a publicidade é informativa, visa difundir alguma mensagem que não se estrutura no jornalismo, porém não se distancia de uma comunicação de utilidade pública. Por isso, entende-se que o papel dos *spots* na programação da FM da UFPI durante a pandemia seja uma publicidade informativa.

Antes da pandemia, a rádio da UFPI veiculava *spots* de órgãos do Governo Federal, como Exército, tratando de alistamento militar; Ministério da Saúde, sobre doação de sangue, ou ainda, divulgando os demais programas da grade da emissora. Com a crise sanitária, esses *spots* também são reformulados e se destinam a apresentar informações sobre o Coronavírus, como, por exemplo, as produções que tratam sobre os cuidados necessários para evitar o contágio e propagação da doença:

Evite aglomerações, locais fechados. Dê preferência, caso comece a sentir algum sintoma, a fazer as atividades do trabalho de casa. Respeito ao próximo! Pratique o isolamento social se estiver doente. Cuidado com o outro é cuidado com você! FM Universitária, junto com você na prevenção ao Coronavírus. (*SPOT 1*, FM UNIVERSITÁRIA DA UFPI, 2020).

Em tempos de Coronavírus é importante lembrar: Lavar as mãos, frequentemente, com água e sabão, por pelo menos 20 segundos. Este é o tempo que mentalmente você canta parabéns para você duas vezes. Lave, cante e lembre-se que prevenção é o melhor remédio. FM Universitária, junto com você na prevenção ao Coronavírus. (*SPOT 2*, FM UNIVERSITÁRIA DA UFPI, 2020).

O tema central das mensagens é informar sobre a importância de manter a distância e a higiene para evitar contaminação com a doença. Esses *spots* assemelham-se às notas de utilidade pública<sup>5</sup>, pois assim como essas notas, nos *spots* da FM da UFPI, há mensagens simples, diretas de “alerta” ao ouvinte, além de utilizar recursos como fundo musicais, entonação. No entanto, não se restringem a ser um alerta, como o fim de prazo para alistamento eleitoral, por exemplo; ou ainda sobre a falta de água em determinado lugar da cidade. Eles agregam alguma informação que não é de utilidade temporária. Como se constata no *spot* a seguir que trata de *Fake News* sobre o Covid-19:

Em tempos de Coronavírus é importante lembrar: Começa a circular muitas *fake news* sobre o Coronavírus. A estratégia é a mesma, checar a fonte. Não encaminhe mensagens se não souber a origem. Se sentir alguma dúvida sobre o conteúdo ou o tom alarmista da informação, não repasse! Pare, duvide, não compartilhe! Checar é a melhor solução. FM Universitária, junto com você na prevenção ao Coronavírus. (*SPOT* 3, FM UNIVERSITÁRIA DA UFPI, 2020).

Os *spots* trazem informações que não se esgotam pelo decorrer do tempo ou com a realização de algo; sobretudo, porque a Covid-19 é uma realidade, que até este momento não tem vacina e o “remédio” é a prevenção. Além disso, checar informações e repassar falsas notícias é um alerta que deve ser sempre seguido, independente de as notícias serem sobre a pandemia. Outra característica dos *spots* da FM da UFPI é que são usados recursos de linguagem publicitária, como verbos no imperativo: “Pare, duvide, não compartilhe! Lave, cante e lembre-se que prevenção é o melhor remédio; dê preferência”. Portanto, utiliza-se enquanto recurso a função conativa, para convencer, persuadir o ouvinte. Algo típico de textos publicitários, de propaganda. No entanto, aqui não há produtos à venda. O que há é tentativa de se fazer chegar ao ouvinte informações sobre a Covid-19 e a prevenção da doença.

Estes foram alguns dos *spots* veiculados pela emissora durante o período da pesquisa. Os demais seguem essa linha de ter como tema central a Covid-19, seja trazendo informações sobre a prevenção da doença, seja caracterizando seus sintomas. Avalia-se que esse tipo de peça radiofônica é uma estratégia utilizada pela rádio da UFPI que ratifica sua função de emissora educativa, com a veiculação de mensagens informativas sobre a pandemia.

---

<sup>5</sup> “[...] informativo de curta duração, [...]. Têm como objetivo específico auxiliar e alertar os ouvintes sobre prazos, acontecimentos [...]” (BARBOSA FILHO 2015, p. 136).





## 2.2 Informações Jornalísticas na FM Universitária: os boletins sobre Covid-19

A liberdade de imprensa é uma questão fundamental para todos os governos democráticos e no Brasil é garantida constitucionalmente. Em tempos de pandemia do Coronavírus, a mídia foi considerada um serviço essencial, o que permite o exercício de um jornalismo que veicule informações pertinentes à população, embora sofrendo ataques e coerções. Ferrareto (2020), em guia dedicado à comunicação nos tempos de pandemia, pondera sobre conteúdos que alguns dos campos da comunicação devem seguir. Entre esses campos encontra-se o jornalístico que, para o autor: “mais do que nunca, é preciso diferenciar sempre a notícia ou o serviço informado do que é opinião e interpretação a respeito desses” (FERRARETO, 2020, p. 10).

Esse cuidado é necessário, sobretudo, porque a questão sanitária desembocada pelo Coronavírus também reverbera politicamente, quer em ações desenvolvidas pelos governos, quer na falta dessas. Acompanhamos, desde o início da pandemia no país, o posicionamento do Governo Bolsonaro sobre o assunto. Imagine-se, então, um cenário em que a mídia não tivesse liberdade ou mesmo que as emissoras públicas servissem apenas para dar publicidade a atos ou falas do governo, sem uma preocupação em servir ao interesse público. A liberdade da mídia associa-se a responsabilidade de transmitir informações de modo que aquele que as recebe tenha clareza do que é notícia, publicidade, opinião etc. Isso deve ser um compromisso social da mídia e do jornalismo.

Nos programas jornalísticos da rádio Universitária da UFPI, as alterações na programação se deram na forma e no conteúdo. Antes, esses eram veiculados nos formatos de radiojornal – Radiojornal 1ª edição – no começo da tarde, além de um programa musical – “Música e Notícia” –, que contava com entrevista e veiculação de reportagens e notas com editorias diversas (saúde, esporte, política, polícia). Com a pandemia da Covid-19, esses programas deram lugar aos formatos boletins, dedicados especialmente a tratar de conteúdos cuja pauta sempre orbita em torno do novo Coronavírus. Esses boletins, distribuídos na programação entre 9h e 11h da manhã e 13h da tarde, trazem um conteúdo específico, em relação ao local de cobertura, com informações sobre a pandemia em três frentes de cobertura: nacional, internacional e especializada para cobrir assuntos científicos sobre a Covid-19.



O boletim das 9h da manhã é responsável por trazer as principais informações da América Latina, América do Norte, Ásia e Europa. De forma característica sublinha-se que os boletins começam com dados sobre o número de mortes e infectados pela doença no mundo. Apresenta manchetes dos principais jornais internacionais como *Clarín*, *El país*, *The New York Times*, *The Guardian*, entre outros. Além disso, há um complemento de informações com reportagens, com informações das instituições de saúde, ligadas diretamente à pandemia como a OMS (Organização Mundial de Saúde).

No boletim seguinte, das 11h, a dinâmica de informações é a mesma, com o giro de informações, com o diferencial de trazer notícias agora no Brasil. Assim como o boletim das 9h, também se complementam as informações com notas e reportagens. Sendo elaborados destaques sobre a doença, de acordo com as regiões: Norte, Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste do país, como se destaca: “No Distrito Federal a coleta seletiva é retomada de forma gradual após 03 meses” (REPORTAGEM 1, BOLETIM 11h, 26 jun. 2020); E ainda: “No Sudeste, São Paulo segue com plano de flexibilização de isolamento social. O Governo Municipal excluiu as creches da primeira fase de retorno as aulas na cidade e prioriza alunos dos anos finais de ensino” (REPORTAGEM 2, BOLETIM 11h, 26 jun. 2020). Há ainda um espaço destinado a notícias da pandemia no Piauí, com destaques de informações, para capital Teresina (sede da emissora).

Quanto ao boletim das 13h, este é dedicado às informações científicas de instituições de pesquisa brasileiras e de fora do país. Como exemplo das produções veiculadas no boletim dedicado à ciência, tem-se a reportagem sobre pesquisa desenvolvida por IES do Estado:

Locutor: Pesquisadores da UESPI [Universidade Estadual do Piauí] procuram entender o crescimento da Covid-19 no interior do Estado. O professor da UESPI e especialista em vigilância sanitária, Vinicius Alexandre, fala sobre o mapeamento e acompanhamento dos casos da doença no Piauí.

Professor: [...] O trabalho se constitui de um georreferenciamento da distribuição do mapeamento desses casos no Estado do Piauí (REPORTAGEM 3, BOLETIM 11h, 26 jun. 2020).

Como já citamos anteriormente, é papel das emissoras educativas apresentarem conteúdos diferenciados, que promovam acesso à cultura, reflexões críticas. Barbeiro e Lima (2003, p. 33), ao tratar de jornalismo público de empresas públicas de comunicação, destacam como ponto principal dessas emissoras “o comprometimento com o interesse público,



considerando o telespectador ou ouvinte um cidadão e não apenas um consumidor de notícias. [...] Uma programação de emissora pública deve se apoiar fundamentalmente nos temas de interesse público”.

A emissora complementa esse espaço dedicado a informações científicas, transmitindo Webconferências produzidas pelos professores pesquisadores da UFPI, cujos temas envolvem o enfrentamento à Covid-19, em áreas de conhecimento diversos, como: Trabalho, vacinas e mesmo violência. Um desses temas debatidos nas Webconferências é descrito na reportagem transcrita logo a seguir, realizada com coordenador do projeto, professor Emídio Matos, que se encontra vinculado ao Plano de Ação Interinstitucional de Enfrentamento à Covid-19 da UFPI:

Coordenador: [...] hoje, nós discutiremos esse “novo normal”. A construção desse “novo normal” em um olhar a partir da Arquitetura e Urbanismo. Nós teremos professoras, arquitetas que vão discutir esse assunto, pensando nas experiências do mundo, experiências do Brasil e naquilo que a gente pretende construir (REPORTAGEM 4, BOLETIM 11h, 26 jun. 2020).

Com a transmissão das webconferências, a emissora da UFPI proporciona mais espaço para divulgar informações relacionadas à ciência, corroborando com o artigo 3º, inciso II, da Portaria 3238/208 do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, que determina: “II – cooperação com os processos educacionais e de formação crítica do cidadão para o exercício da cidadania e da democracia, em especial mediante a transmissão de aulas, conferências, palestras e debates”. Conseqüentemente, sendo o rádio um veículo de comunicação acessível, oportuniza que temas e informações ali debatidos cheguem a um maior número de pessoas.

Ressalta-se ainda uma característica comum aos boletins produzidos e veiculados nos horários da 9h, 11h e 13h, que se refere ao critério de noticiabilidade proximidade, mas não a geográfica, pois essa não é fator determinante para selecionar as notícias. Nota-se que grande parte dos boletins dedicados à cobertura nacional e às Instituições de pesquisa possuem conteúdo de fora do Estado do Piauí. Além disso, há produção de um boletim exclusivo à cobertura internacional. Ação que foge um pouco da característica do rádio, uma vez que a emissora deveria dar conta do local, do regional, ou até mesmo de falar e tornar um acontecimento próximo, assuntos que interessam e repercutem de fato para o ouvinte daquela comunidade. No entanto a localidade, segundo Bourdin (apud VOLPATO, 2016, p. 5), “[...]”

exprime a proximidade, o encontro diário, em outro ainda, a existência de um conjunto de especificidades sociais, culturais bem partilhadas [...]”. Isto é, o local não diz respeito apenas ao demarcado, mas há uma ideia de se tornar pontos em comum, muito mais que o espaço geográfico. Os temas devem, então, levar em conta esses aspectos de não apenas a vizinhança de fronteiras, mas a questão de pertencimento, identificação e relevância. Peruzzo (2005, p. 74), por sua vez, destaca esses aspectos extraterritoriais que ajudam a formar esses espaços:

Para lá das dimensões geográficas surge um novo tipo de território, que pode ser base cultural, ideológica, idiomática, de circulação da informação etc. Dimensões como as de familiaridade no campo das identidades histórico-culturais (língua, tradições, valores, religião etc.) e de proximidade de interesses (ideológicos, políticos, de segurança crenças etc.) são tão importantes quanto as de base física.

Isso vem ocorrendo nas produções da FM 97,6 da UFPI. Como o mundo vive a pandemia do novo Coronavírus, embora cada país esteja passando por fases distinta da doença, o fato é que a situação e as possibilidades tecnológicas atuais levam a conhecer como outras partes do mundo vem decidindo sobre a pandemia. Essas informações, de alguma forma podem ser associadas ao cenário local. Eis que a Covid-19 está em toda parte, uma hora ou outra, de algum modo as regiões são atingidas de uma maneira global. A pandemia tem então se mostrado como o elemento que traz esse algo em comum a todos, independente de questões de proximidade geográfica, no entanto há uma proximidade por identificação.

### **3. Considerações finais**

A pandemia da Covid-19 acarretou alterações em diversos aspectos do modo de vida por todas os países em que o vírus chegou. São vários os desafios impostos, além de impactos para saúde, a economia, a educação, a mídia, entre outros setores, que se viram na obrigação de se adaptar e dotar de políticas públicas adequadas as restrições oriundas do novo Coronavírus.

Assim como as demais mídias, o rádio teve sua programação reconfigurada. Não apenas na rotina de produção, que passou a ser feita de casa, devido ao isolamento social, mas também, teve alterado seu conteúdo, pois grande parte se constrói para um tema uno: Covid-19. Através do Estudo de caso da FM Universitária 97,6 da UFPI, observou-se como a rádio altera de forma significativa sua programação informativa. O radiojornal que cobria temas gerais é substituído



por boletins específicos para atender a cobertura da Covid-19. De outro ponto, o Coronavírus passa ainda a fazer parte de outros gêneros produzidos na emissora, no caso os *spots*, que nesse momento de pandemia se voltam para veicular informações a respeito do assunto, seja falando das medidas sanitárias de prevenção adotadas durante a pandemia, seja abordando as formas de transmissão e os sintomas decorrentes da doença, seja ainda alertando os ouvintes para os perigos da existência de informações falsas a respeito da Covid-19 que são tão prejudiciais quanto o vírus.

Todas essas reconfigurações de tema e de conteúdo da emissora, ao se voltar a cobrir a pandemia do Coronavírus, só afirma o compromisso das rádios públicas educativas de oferecer para a população conteúdo que, distante de interesses mercadológicos, se destina a construções de pautas educativa, instrutiva e crítica. A cobertura dos boletins divididos de modo a trazer informações não apenas do Brasil, mas de outras partes do mundo, combinada com o espaço ao tratamento do tema sobre o viés científico, ratificam isso.

A pandemia da Covid-19, talvez ainda longe de alguma solução em termos de saúde ou de encontrar uma vacina, por exemplo, já ensina muitas lições. Uma delas é a importância da liberdade da imprensa e do jornalismo em produzir e levar informações diversas a população. Do mesmo modo, da importância da manutenção de emissoras públicas de carácter educativo, que distante da pressão de concorrência ou da briga por audiência ou patrocínios, tal como acontece nas rádios comerciais, demonstram o papel fundamental de levar informações em tempos de pandemia aos lugares mais longínquos do mapa onde outras mídias ainda não chegaram ou estão temporariamente restringidas.

Nesta perspectiva, as alterações nos formatos e conteúdo da programação da Rádio Universitária 96,7 da UFPI para atender a cobertura da COVID-19 ratificaram seu compromisso enquanto emissora inserida na radiodifusão educativa, pois continua a seguir os princípios das portarias 651/1999 MEC e 3238/2018 MTIC. Nessa última resta claro em seu artigo 3<sup>a</sup>, inciso I, que essas emissoras devem transmitir “programas que detenham, exclusivamente, finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas”. É o que a emissora vem realizando com os boletins e os *spots* oferecidos aos radiouvintes em horários específicos de sua grade de programação.

## Referências

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. 2 ed. São Paulo: Paulinos, 2009.

**BRASIL**. Portaria no 661 de 15 de abril de 1999. Disponível em:  
[http://www.lex.com.br/doc\\_345250\\_PORTARIA\\_INTERMINISTERIAL\\_N\\_651\\_DE\\_15\\_abr\\_1999.aspx](http://www.lex.com.br/doc_345250_PORTARIA_INTERMINISTERIAL_N_651_DE_15_abr_1999.aspx) Acesso em: 15 jan. 2019.

**BRASIL**. Portaria no 3238 de 20 de junho de 2018. Disponível em:  
[http://www.mctic.gov.br/mctic/export/sites/institucional/comunicacao/arquivos/Radiodifusao\\_educativa/Legislacao/Portaria-3238-de-20-de-junho-de-2018-Versao-SEI.pdf](http://www.mctic.gov.br/mctic/export/sites/institucional/comunicacao/arquivos/Radiodifusao_educativa/Legislacao/Portaria-3238-de-20-de-junho-de-2018-Versao-SEI.pdf).

DEUS, Sandra de. Rádios Universitárias Públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. In: **Revista Questão**. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 327-338, jul./dez. 2003. Disponível em:  
<[http://www.brapci.inf.br/\\_repositorio/2011/04/pdf\\_484c6fc509\\_0004804.pdf](http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/04/pdf_484c6fc509_0004804.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2018.

FERRARETO, Luiz Artur. **Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise**. Rio de Janeiro: Válega, 2020.

JENKIS, Henry. **Cultura de Convergência**. Editora Aleph, 2009.

LOPES, Paulo Fernando de Carvalho. **Entrevista concedida a Urziana de Moraes**. 1 arquivo. mp3. Teresina, 2 dez. 2019. (35 min.).

MEDEIROS, Rafael; TEIXEIRA, Nísio. As rádios universitárias públicas como espaços para formação complementar. **Revista Passagens**. v. 9. n. 1, 2018, p. 76-90. Disponível em:  
<http://www.periodicos.ufc.br/passagens/article/view/39730/95736>. Acesso em: 12 abr. 2019.

PERUZZO, Cecília. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a.26, n. 43, 2005.

**PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (PDI) 2015-2019**. Teresina: EDUFPI, 2015.

SANTOS NETO, Helena Iracy Cerquiz. **Análise do discurso radiofônico: o acontecimento apagão em Florianópolis**. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) -Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis (SC), 2015.

VILHENA, Paulo. **Entrevista à Rede Meio Norte Sobre inauguração Da Rádio Universitária**. Disponível em < <https://www.meionorte.com/videos/reitor-da-ufpi-inaugura-radio-universitaria-5823>> Acesso em: 02 mar. 18.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.



SOBRIÑO, Miguel Ángel Ortiz. Radio y post-radio en España: una cohabitación necesaria y posible. **Revista Área Abierta** v. 12, n. 2, jul. 2012.

VOLPATO, Marcelo de Oliveira. Entre o local e o regional: tecnologias móveis e novas perspectivas no jornalismo de proximidade. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016**.

YIN, K. Robert. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A construção histórica da programação de rádios públicas brasileiras**. Tese (doutorado em Comunicação Social) Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.